

III ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

A enfermagem na oficina de Clio:
perspetivas históricas em torno dos cuidados de saúde

Sociedade
Portuguesa
de História da
Enfermagem

2 e 3
de maio de
2017

Livro de Atas



III ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

SPHE, 2-3 maio de 2017

Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Campus Foz | Rua Diogo Botelho, n.º 1327
4169-005 Porto

A enfermagem na oficina de Clio:

Perspetivas históricas em torno dos cuidados de saúde

A realização do III Encontro Internacional de História da Enfermagem enquadra-se nas linhas programáticas da SPHE. Nesse sentido, são objetivos deste encontro:

- Contribuir para o aprofundamento e a divulgação do conhecimento científico em História da Enfermagem e da saúde, numa perspetiva interdisciplinar;
- Divulgar experiências, modelos e abordagens de investigação em história da enfermagem e da saúde
- Contribuir para a criação de meios que permitam criar um sentido de pertença intergeracional e de apropriação do passado como elemento necessário para a atualização e reforço da identidade profissional

A organização deste Encontro foi concebida de forma a articular-se com o XI ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM ENFERMAGEM, que decorre nos dias imediatamente subsequentes (4 a 6 maio), promovido pelo Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa, que apoia a SPHE.

Comissão científica

Prof. Doutora Ana Leonor Dias da Conceição Pereira
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Prof. Doutor Carlos Louzada Subtil
Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Prof. Doutor João Rui Couto da Rocha Pita
Faculdade de Farmácia | Universidade de Coimbra
Prof. Doutor José Joaquim P. Amendoeira
Escola Superior de Saúde | Instituto Politécnico de Santarém
Prof. Doutora Lucília R. Mateus Nunes
Escola Superior de Saúde | IP Setúbal
Prof. Doutora Margarida M. da Silva Vieira
Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Doutor Rui Manuel Pinto Costa
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX | Universidade de Coimbra

Comissão Organizadora

Prof. Doutora Ana Paula da Silva. e Rocha Cantante
Escola Superior de Enfermagem do Porto
Prof. Doutor Carlos Louzada Subtil
Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Prof. Doutora Constança M. da Silva Festas Barbosa
Professora Associada no ICS | Universidade Católica Portuguesa
Prof. Doutor Luís Octávio Sá
Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Doutora Maria Amélia Dias Ferreira
Unidade Local de Saúde de Matosinhos
Prof. Mestre Maria Clara Lopes P. Braga
Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Prof. Doutor Paulo Joaquim P. Queirós
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Programa

2 de maio, terça-feira

14.00 h – Abertura do Secretariado. Afixação de posters

14.30 h – Ato de abertura.

15.00 h – CONFERÊNCIA INAUGURAL

Os enfermos na vida dos santos
Prof. Doutora Margarida Vieira, ICS|UCP

15.45 h – Pausa

16.00 h – MESA TEMÁTICA: FACETAS DA ENFERMAGEM NO SÉCULO XX

Moderador: Prof. Doutor José Joaquim P. Amendoeira, ESS|IP Santarém

Os enfermeiros na imprensa generalista durante a I República

Prof. Doutora Ana Maria Barros Pires, ESS|IP Beja

A permanência do essencial da enfermagem ao longo do século XX

Prof. Doutor Luís Lisboa Santos, ESE S. Francisco das Misericórdias

A divulgação do conhecimento nos periódicos de enfermagem

Prof. Doutora M. do Rosário Silvestre Machado, ESS|IP Santarém

18.00 h – Fim dos trabalhos

18.30 h – Visita ao Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto

Prof. Doutora Maria José Peixoto, ESE Porto

Visita guiada ao Centro Histórico e Assistencial do Porto

Doutor Rui Manuel Pinto Costa, CEIS20 | UC

20.30 h – Jantar no Centro Histórico

3 de maio, quarta-feira

09.00 h – MESA TEMÁTICA: MUSEU DA ENFERMAGEM PORTUGUESA: QUO VADIS?

Moderadora: Prof. Doutora Margarida Maria da Silva Vieira, ICS|UCP

Enfermeira Ana Fonseca

Presidente do Conselho de Enfermagem, em representação da Bastonária da Ordem dos Enfermeiros

Doutora Carmina Montezuma

Diretora do Museu de S. João de Deus

Prof. Doutora Helga Marília da Silva R. Henriques

Associação Nacional de História de Enfermagem

Prof. Doutor Paulo Parente

Presidente da ESE Porto

Prof. Doutor Paulo Joaquim Pina Queirós

10.45 h – Pausa para café

11.00 h – MESAS DE COMUNICAÇÕES (em simultâneo)

12.00 h – MESA TEMÁTICA: HISTÓRIA E GÉNERO DA ENFERMAGEM

Moderadora: Prof. Doutora Beatriz Rodrigues Araújo, ICS|UCP

Prof. Doutora Concha Germán Bés

Escuela Universitaria de Ciencias de la Salud | Universidad de Zaragoza

Prof. Doutora Irene Vaquinhas

Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

13.15 h – ALMOÇO DE TRABALHO

15.00 h – MESA TEMÁTICA: MODELOS E ABORDAGENS DE INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E DA SAÚDE

Moderador: Doutor Rui Manuel Pinto Costa, CEIS20 | UC

Prof. Doutor José Siles González

Facultad Ciencia de la Salud | Universidad de Alicante

Prof. Doutor Fernando Rocha Porto

Academia Brasileira de História de Enfermagem | PPGENF/UNIRIO

Prof. Doutora Christine Elizabeth Hallett

The University of Manchester

16.00 h – Pausa

16.30 h – PALAVRAS CRUZADAS ENTRE A HISTÓRIA E A FILOSOFIA

Moderadora: Prof. Doutora Constança Maria da Silva Festas Barbosa

Prof. Doutora Lucília R. Mateus Nunes, ESS | IP Setúbal

Prof. Doutor Juan D. González-Sanz, Facultad de Enfermería | Universidade de Huelva

Prof. Doutora Margarida M. da Silva Vieira, Instituto de Ciências da Saúde | UCP

Prof. Doutora Alexandra Esteves, Faculdade de Ciências Sociais | UCP

17.30 h – APRESENTAÇÃO DO PRÉMIO SPHE

Prof. Doutor Carlos Louzada Subtil

Presidente da Sociedade Portuguesa de História da Enfermagem

18.00 h – CONCLUSÕES E ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Índice

INTRODUÇÃO	1
NOTA DE ABERTURA PARA UMA NOVA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: UMA VISÃO PARTILHADA	3
MESA TEMÁTICA: FACETAS DA ENFERMAGEM NO SÉCULO XX	7
A IMAGEM DAS ENFERMEIRAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX – UM ESBOÇO COMPARATIVO	9
A PERMANÊNCIA DO ESSENCIAL DA ENFERMAGEM AO LONGO DO SÉCULO XX	15
A DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO NOS PERIÓDICOS DE ENFERMAGEM PORTUGUESES - O PERCURSO DE 1925 - 2009	25
MESA TEMÁTICA: MUSEU DA ENFERMAGEM PORTUGUESA: QUO VADIS?	29
MUSEU DE ENFERMAGEM	31
HISTÓRIA E COLEÇÕES DE ENFERMAGEM NO MUSEU S. JOÃO DE DEUS	33
UM MUSEU DA ENFERMAGEM EM PORTUGAL – UMA REFLEXÃO	37
MUSEU DA ENFERMAGEM PORTUGUESA: QUO VADIS?	45
MESA TEMÁTICA HISTÓRIA E GÉNERO DA ENFERMAGEM	53
LA INFLUENCIA DEL GÉNERO EN LA PROFESIÓN ENFERMERA	55
ABNEGAÇÃO, ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO E COMPAIXÃO: AS QUESTÕES DE GÉNERO NA ENFERMAGEM EM PORTUGAL (2ª METADE DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX)	67
MESA TEMÁTICA MODELOS E ABORDAGENS DE INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E DA SAÚDE	79
O MODELO ESTRUTURAL DIALÉTICO DOS CUIDADOS (MEDC): UM GUIA PARA A ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E EXPLICAÇÃO DOS DADOS NA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM E PESQUISA	81
THE STUDY OF HISTORY: A WORTHWHILE PURSUIT FOR NURSES	95
PALAVRAS CRUZADAS ENTRE A HISTÓRIA E A FILOSOFIA	97
PALAVRAS CRUZADAS ENTRE A HISTÓRIA E A FILOSOFIA - DESENCONTROS E CONVERGÊNCIAS COM A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM	99
LA HISTORIA NUNCA ES SEGURA. ALGUNAS APORTACIONES DE LA OBRA DE MICHEL DE CERTEAU PARA LA HISTORIA DE LA ENFERMERÍA	113
REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM: O OLHAR DO HISTORIADOR	121
COMUNICAÇÕES LIVRES	129
CUIDADOS NA DOENÇA E SERVIÇOS ASSISTENCIAIS: DO RENASCIMENTO À DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE: O CASO DE FLORENCE NIGHTINGALE	131
ASSISTÊNCIA, ENFERMAGEM E POLIOMIELITE NA REVISTA HOSPITALIDADE (1950-1970)	141

BROA, CALDOS E OVOS: A RESPONSABILIDADE DOS ENFERMEIROS NA ALIMENTAÇÃO DOS ALIENADOS. UM ESTUDO EM REGULAMENTOS E RELATÓRIOS DO HOSPITAL DE ALIENADOS DO CONDE DE FERREIRA (1883)	143
OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DE VISITADORAS E ENFERMEIRAS VISITADORAS DE HIGIENE EM PORTUGAL (1929-1952)	147
ENFERMEIROS PARA O LAZARETO DE LISBOA	153
ENFERMAGEM NA CÂMARA DOS PARES DO REINO E NA CÂMARA DOS SENHORES DEPUTADOS EM 1880	157
ENFERMAGEM MILITAR E SERVIÇO DE SAÚDE DO ULTRAMAR NAS CÂMARAS DE REPRESENTANTES EM 1880	161
VISITAR PARA PREVENIR: AS ENFERMEIRAS-VISITADORAS E A SUA AÇÃO NA PROFILAXIA DA TUBERCULOSE EM PORTUGAL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	165
PÓSTERS	173
A HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM NOS WEBSITES DAS INSTITUIÇÕES DE FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS EM PORTUGAL	175
O EMERGIR DO PAPEL DA ENFERMEIRA NA SALA DE OPERAÇÕES	179

Índice de Autores

A

Alexandra Esteves 121, 143
Aliete Cunha-Oliveira 131, 141
Ana Leonor Pereira 141
Analisa Candeias 143, 147, 153
Ana Maria Barros Pires 9
António Freitas 179

C

Carlos Louzada Subtil 1, 175
Carmina Montezuma 33
Christine Elisabeth Hallett 95
Concha Germán Bes 55
Constança Festas 175

E

Elisa Maria Bernardo Garcia 147, 153

H

Helga Marília Henriques 37

I

Irene Vaquinhas 67
Ismael C. Vieira 165

J

João Neves-Amado 175
João Rui Pita 141
José Amendoeira 147
José Cunha-Oliveira 131
José Siles-González 81
Juan António Rodriguez Sanchez 141
Juan D. González-Sanz 113

L

Lucília Nunes 99, 179
Luís Lisboa Santos 15, 37
Luís Sá 143

M

Maria do Rosário Silvestre Machado 25, 31
Maria Helena de Oliveira Penaforte 31
Marina Baptista Pereira 157, 161

P

Patrícia Freitas Pereira 157, 161
Paulo Joaquim Pina Queirós 45, 157, 161

R

Rui Manuel Pinto Costa 3

LIVRO DE ATAS

III ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

A enfermagem na oficina de Clio: perspetivas históricas em torno dos cuidados de saúde

SPHE, 2-3 maio de 2017

Instituto de Ciências da Saúde | Universidade Católica Portuguesa
Campus Foz | Rua Diogo Botelho, n.º 1327
4169-005 Porto

LA HISTORIA NUNCA ES SEGURA. ALGUNAS APORTACIONES DE LA OBRA DE MICHEL DE CERTEAU PARA LA HISTORIA DE LA ENFERMERÍA

Juan D. González-Sanz¹

RESUMEN

La obra del pensador francés Michel de Certeau (1925-1986) es conocida y tratada sobre todo en dos grandes áreas temáticas: los estudios culturales y la historia. En este último campo sus contribuciones participan de la corriente de renovación de la historiografía francesa que entronca con la revista *Annales*, destacando el trabajo de microhistoria *La posesión de Loudun* (1970) y *La escritura de la historia* (1975), un ensayo de epistemología de la historia realmente novedoso y profundo. La hipótesis básica de esta última obra es la siguiente: que la historia es básicamente historiografía, es decir, escritura sobre la historia. A partir de ella desarrolla diferentes análisis sobre el proceso de escritura de los textos historiográficos, poniendo en cuestión la pretendida capacidad de la ciencia histórica para hablar de la realidad e incluso, en según que casos, su carácter científico.

En base a este texto, y de cara a la reflexión sobre la Historia de la Enfermería, se pueden plantear varias cuestiones clave: ¿Qué es la historia de la Enfermería?, ¿quién la escribe?, ¿para quién la escribe?, ¿por qué lo hace?

PALABRAS CLAVE: Michel de Certeau, historia de la enfermería, escritura

INTRODUCCIÓN

Este texto nace como respuesta a la invitación que muy amablemente me hizo la Sociedad Portuguesa de Historia de la Enfermería para que participase en el III Encuentro Internacional de Historia de la Enfermería, que se celebró en Oporto (Portugal) los días 2 y 3 de mayo de 2017. El profesor Carlos Louzada Subtil (a quien permaneceré siempre agradecido por brindarme la oportunidad de conocer su hermosa ciudad y compartir reflexión y debate con sus colegas), me sugirió que participase en una mesa redonda denominada “Palabras cruzadas entre filosofía e historia de la enfermería”. Este texto es una versión ampliada de lo que expuse entonces en el bello campus de la Universidad Católica Portuguesa.

En primer lugar, creo que es esencial para abordar esta cuestión, e intentar contribuir humildemente con algunas palabras que puedan abrir nuevos puntos de vista, definir las premisas básicas que marcan lo que se dirá después. Aunque por razones de espacio no es posible desarrollarlas aquí por extenso, considero que es bueno tomar conciencia de que son la base de estas líneas. Son las siguientes.

Primera: la historia de la enfermería es el discurso escrito sobre quienes se dedicaron a cuidar en el pasado. Segunda: filosofar es someter la vida al examen de la razón. Tercera: la filosofía puede ayudar a la historia de la enfermería al examinarla racionalmente en toda su complejidad.

Partiendo de estas tres claves, y con el encargo de exponer algo sobre el diálogo posible entre filosofía e historia de la enfermería, apuesto por volverme hacia atrás y mirar al pasado, buscando ayuda en la obra de Michel de Certeau, un pensador al que he dedicado mucha atención durante los últimos años y que se dedicó con profunda atención al estudio de la epistemología de la historia desde una perspectiva que bien

¹ Doctor en Ciencias Sociales Aplicadas. Enfermero Especialista en Obstetricia y Ginecología (Matrono). Centro de Salud de Lepe (Huelva, España). Distrito Sanitario Huelva-Costa. Servicio Andaluz de Salud. Secretario de La Torre del Virrey. Revista de Estudios Culturales; Email: jdiego.gonzalez.sspa@juntadeandalucia.es

podría ser llamada filosófica. Si estas líneas, a pesar de su esquemática brevedad, llevasen a algún lector hasta su obra, se habrían colmado con creces mis pretensiones.

¿Quién fue Michel de Certeau?

Para conocer los aspectos biográficos de Michel de Certeau se dispone de la voluminosa biografía escrita por François Dosse (Dosse, 2003), que el lector con un mayor interés cotejará con los textos de Luce Giard (Giard, 1976-2006).

Nacido en la Saboya francesa en 1925, desde su infancia llama la atención en él una fuerte vocación cristiana y el amor por el estudio, condiciones ambas que le llevarán a realizar un intenso itinerario formativo en diferentes internados religiosos. Sinendo muy clara su vocación religiosa (ya a la edad de 14 años), ingresa en 1944 en el seminario parisino de Saint-Sulpice en Issy-les-Molineaux. Durante los años siguientes proseguirá su formación en este centro y en el seminario de Lyon, hasta ingresar, en el año 1950, en la Compañía de Jesús. Será ordenado sacerdote en 1956 después de haber estudiado lenguas clásicas, historia, filosofía y teología, esta última bajo el magisterio de Henri de Lubac (entre otros teólogos de renombre).

En los años siguientes se dedicará por entero a la historia, concretamente al estudio de los primeros miembros de la Compañía de Jesús, como Pedro Fabro, obteniendo el doctorado en Ciencias de la Religión en la Sorbona en 1960. Posteriormente, en el periodo comprendido entre 1960 y 1968, se consolida como historiador de la mística y de la espiritualidad, especialmente de los siglos XVI y XVII, consagrándose (entre otros proyectos) a la edición de la correspondencia del gran místico jesuita francés Jean-Joseph Surin.

Sin embargo, la carrera de historiador que había empezado con rigor y acierto daría un giro inesperado a raíz de los sucesos de París en mayo de 1968. El impacto que tuvo sobre Certeau la convulsión social que supusieron las revueltas estudiantiles, y los análisis que sobre las mismas publicó en diferentes revistas francesas, recogidos en *La prise de parole* (Certeau, 1994), cambiaron la orientación de su carrera, centrándose a partir de entonces en el dinamismo de la vida social, desarrollando una forma muy particular de enfrentarse a los problemas intelectuales de su tiempo.

Durante este periodo Certeau se enriquece del diálogo crítico con las principales tendencias en boga en ciencias sociales, incluyendo las teorías historiográficas y sociológicas de Michel Foucault, la renovación de la teoría psicoanalítica que estaba protagonizando la Escuela Freudiana de París de Jacques Lacan, además de un marcado interés por las teorías marxistas y hegelianas, asumidas en su valor de herramientas intelectuales de primer orden. No obstante, en relación a su labor como historiador, cabe destacar su adscripción (entusiasta, pero no acrítica) a la renovación de la historia que ejemplificó la revista *Annales*, en sus diferentes etapas. Certeau aprecia en ella una nueva forma de hacer historia, que redefine el lugar del historiador, alejándolo de la búsqueda de una síntesis histórica total y prestando más atención a los detalles, hasta entonces ignorados, de los protagonistas cotidianos de la historia.

Junto a su trabajo interior y a su producción literaria, Certeau desarrolló una carrera docente de gran interés, participando en importantes instituciones educativas europeas y americanas (París, 1974-1978; Ginebra, 1977-1978; California-San Diego, 1978-1984) y generando numerosos grupos de estudio e investigación. En 1984 vuelve a París desde California para ocupar un puesto como director de estudios en la Escuela de Altos Estudios en Ciencias Sociales (EHESS), lo que supuso un claro reconocimiento (aunque tardío) a su talla intelectual. Lamentablemente, solo dos años después Michel de Certeau moría (13 de enero 1986) como consecuencia de un cáncer de páncreas.

Ideas clave sobre la Historia

Las reflexiones de Certeau sobre la historiografía hay que situarlas en un marco más general de análisis epistemológico, en el que destaca la atención prestada a la relación de la ciencia con la sociedad en la que nace. Su idea fundamental en este sentido es la premisa de que el conocimiento científico es el fruto de un proceso de producción.

“Hace falta reconocer a todo resultado científico el valor de un producto que, como aquel que sale de una fábrica, tiene relación con las instituciones, con los postulados y los procedimientos” (Certeau, 1993, p. 196).

Después de afirmar que los resultados de la ciencia han de ser analizables como frutos de un proceso productivo, Certeau establecerá como segunda premisa básica de su epistemología que la ciencia está sujeta a reglas que no están separadas de las que rigen en el resto del sistema social y económico.

“La práctica científica se apoya sobre una praxis social que no depende del conocimiento” (Certeau, 1975, p. 70).

Pues bien, los elementos que determinan esa praxis social componen lo que Certeau ha llamado el “lugar social” de una disciplina científica (Certeau, 1975, p. 450). En su opinión, solo la aclaración, es decir, la aceptación consciente, de las características de ese “lugar social” permitirá a una disciplina llamarse ciencia.

“Un discurso mantendrá así una marca de cientificidad explicitando las condiciones y las reglas de su producción y, desde un principio, las relaciones de las que nace” (Certeau, 1990, p. 60).

Es en este marco general en el que encajan las principales ideas de Certeau sobre la historia, que expongo a continuación. En primer lugar, y quizás la más importante de todas: la historia es, ante todo, escritura de la historia. Esta convicción será el leitmotiv de una de las obras más profundas e intensas de Certeau, su libro sobre epistemología histórica que tendrá precisamente ese mismo título: *L'écriture de l'histoire*.

De esta primera idea se deriva una segunda. Si la historio-grafía es fundamentalmente escritura, ha de tenerse en cuenta que toda escritura implica dos cosas: el acto de escribir (una práctica) y el resultado de esa acción (un discurso).

“Entiendo por historia esta práctica (una «disciplina»), su resultado (el discurso), o la relación de ambas en forma de una «producción»” (Certeau, 1975, p. 37).

Por tanto, la historia, historio-grafía, ha de examinarse en su doble condición de práctica y de resultado, incluyendo los procesos relativos a esta producción de discursos.

Aplicaciones a la historia de la enfermería

Siguiendo esta cadena argumental llegamos a poder afirmar que, dado que la enfermería (al menos para una gran parte de los que la practican y reflexión sobre ella), es una disciplina con pretensión de cientificidad (algo que se podría decir asimismo de la historia de la enfermería), que ofrece a la sociedad productos similares a los de las ciencias consolidadas, también a ella le es aplicable la idea de que su desarrollo está ligado indisolublemente a un “lugar social” que la condiciona (González-Sanz & Barquero-González, 2015). Partiendo de este punto es posible que se puedan hacer algunas preguntas pertinentes sobre la historia de la enfermería, que ayuden a reflexionar sobre su desarrollo y sus productos.

Valga esta como primera cuestión: ¿Desde dónde se escribe la Historia de la Enfermería? ¿Cuál es su “lugar social”? En este sentido, si la mayoría de los estudios que se publican sobre historia de la enfermería proceden de las universidades ¿qué proporción de estudios históricos se deben a la exigencia de producción por parte

de estas? Siendo conscientes de que en muchos países existen instituciones y programas dedicados a la evaluación universitaria (véase, por ejemplo, en el caso de España la Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación, ANECA), que incluyen entre sus parámetros el nivel de impacto de las publicaciones de los docentes-investigadores ¿en qué medida hay entre los investigadores en historia de la enfermería (doctorandos y directores de tesis doctorales, por ejemplo) un sesgo de interés por los temas con mayor repercusión potencial? ¿Qué “zonas oscuras” de la historia de la enfermería son dejadas de lado por no facilitar la publicación de futuros artículos?

Si el lugar del origen de la historia de la enfermería genera estas incógnitas, no será menos interesante preguntarnos por las personas que, situadas en dicho lugar, son las encargadas de producir esta historiografía: ¿quién escribe la historia de la enfermería?

“El libro o el artículo de historia es a la vez un resultado y un síntoma del grupo que funciona como un laboratorio [...] Es el producto de un lugar” (Certeau, 1975, p. 88).

Dice Certeau que las investigaciones que se publican son “resultado” y “síntoma” de un grupo, algo que es difícil de objetar en esta época en la que el trabajo interconectado y en red es uno de los axiomas esenciales que todo investigador o estudioso repetirá como un mantra a los neófitos que buscan adentrarse en cualquier disciplina. Ahora que para poder defender una tesis doctoral se exige la publicación previa de sus resultados en forma de artículos de impacto, se ve cuán lejos quedaron los tiempos de las autorías individuales y solitarias, curtidas en años de estudio silencioso y aislado en los archivos, o de viajes en los que se veían por primera vez los restos del pasado (Burckhart, 2011).

Ante esta realidad cabe preguntarse: ¿puede cualquier enfermera escribir historia de la enfermería? En un entorno altamente especializado y burocratizado, en el que los requisitos de evaluación externa estandarizada no han hecho más que aumentar para que un trabajo se considere una investigación rigurosa: ¿qué precio ha de pagar un enfermero para conseguir el tiempo, la formación y los recursos necesarios para ello? ¿No ocurrirá que, al ir dedicándose cada vez más a la historia de la enfermería (en esta vertiente oficialista: trabajo fin de máster, tesis doctoral, artículos de impacto), deberá alejarse más y más de la práctica profesional y acercarse al mundo académico?

Finalmente, tras preguntar sobre el lugar social desde donde surge la historia de la enfermería y por quiénes la producen, llega el turno de buscar la intencionalidad que mueve el acto de escribir esta historia: ¿para quién escribe el historiador?

Para sus propios colegas, dirá nítidamente Certeau, pues “el público no es el verdadero destinatario del libro de historia” (Certeau, 1975, p. 87). De hecho, según afirma, ningún texto será propiamente historiográfico hasta que no sea admitido por los historiadores. Esto es algo que cualquiera ha podido comprobar a poco que haya tenido la intención de publicar un artículo en una revista especializada. Cuanto más si se presta atención al rito iniciático que implica la redacción y defensa de la tesis doctoral. Se multiplican las preguntas: ¿se escribe la historia de la enfermería para las enfermeras o más bien para los editores de las revistas? ¿En qué medida las normas que marcan la *lex artis* de una investigación histórica pueden ser un obstáculo para que ésta pueda ser leída por las enfermeras? ¿De qué datos y recursos teóricos parten las enfermeras para elaborar sus discursos y textos científicos, y cuáles son las normas de producción de todos ellos? (Amezcuca & Reina-Leal, 2013)

CONCLUSIONES

Este pequeño texto, escrito en actitud filosófica y con la atención puesta en la historia de la enfermería, ha partido de las ideas historiográficas principales de Michel de Certeau, para llegar a dos afirmaciones clave que espero puedan ser de ayuda, al menos como motor de discusión. A saber: que la historia de la

enfermería es lo que se escribe sobre ella; y que quienes la escriben están condicionados por las exigencias del lugar social desde donde producen esta historiografía (condicionados en cuanto a sus maneras de escribir; en cuanto a sus motivaciones; y en cuanto al público a quien se dirigen).

BIBLIOGRAFÍA DE MICHEL DE CERTEAU

- Edición de Favre, B.P.: *Mémorial*, Desclée de Brouwer, París, 1959.
- Edición de Surin, J.-J. : *Guide spirituel pour la perfection*, Desclée de Brouwer, París, 1963.
- Edición de Surin, J.-J.: *Correspondance*, Desclée de Brouwer, París, 1966.
- *La prise de parole et autres écrits politiques*, edición establecida y presentada por Luce Giard, Seuil, París, 1994 (1968).
- *L'étranger ou l'union dans la différence*, nueva edición introducida y establecida por Luce Giard, Seuil, París, 2005 (1969).
- *La possession de Loudun*, Gallimard, París, 1970.
- *L'Absent de l'histoire*, París, Mame, 1973.
- *La culture au pluriel*, Seuil/C. Bourgois Éditeur, nueva edición establecida y presentada por Luce Giard, París, 1993 (1974).
- *L'écriture de l'histoire*, Gallimard, París, 2ª ed., 1975.
- *L'invention du quotidien*. 1. Arts de faire, Gallimard, nueva edición establecida y presentada por Luce Giard, París, 1990 (1980).
- *La fable mystique*. XVIe-XVIIe siècle, Gallimard, París, 1982.
- *Heterologies: Discourse on the Other*, trad. de Brian Massumi, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1986.
- *La faiblesse de croire*, edición establecida y presentada por Luce Giard, Seuil, París, 1987.
- *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*, Gallimard, París, 2002 (1987).
- *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, edición establecida por Luce Giard, Seuil/Gallimard, París, 2005.
- *Con Domenach J.-M. El estallido del cristianismo*, trad. de Miguel de Hernani, Sudamericana, Buenos Aires, 1974.
- *Con Giard L. L'ordinaire de la communication (Dalloz, París, 1983), en La prise de parole et autres écrits politiques*, edición establecida y presentada por Luce Giard, Seuil, París, 1994, pp. 163-224.
- *Con Giard L. y Mayol P. L'invention du quotidien*. 2. Habiter, cuisiner, Gallimard, nueva edición revisada y aumentada, presentada por Luce Giard, París, 1994 (1980).
- *Con Julia D. y Revel J. Une politique de la langue. La Révolution française et les patois : l'enquête de Grégoire*, Gallimard, París, 2002 (1975).

REFERENCIAS

Amezcuca M. y Reina-Leal L.M. (2013) La defensa del conocimiento como causa social. *Index de Enfermería* 22(1-2): 111-114.

Burckhard J. (2011) *Juicios sobre la historia y los historiadores*, trad. de Azucena Galettini, Katz, Madrid.

Certeau M. de (1993). *La culture au pluriel*, Seuil/C. Bourgois Éditeur, nueva edición establecida y presentada por Luce Giard, París (1974).

- (1975). *L'écriture de l'histoire*, Gallimard, París, 2ª ed.
- (1990). *L'invention du quotidien*. 1. Arts de faire, Gallimard, nueva edición establecida y presentada por Luce Giard, París (1980).
- (1993). *La culture au pluriel*, Seuil/C. Bourgois Éditeur, nueva edición establecida y presentada por Luce Giard, París (1974).
- (1994). *La prise de parole et autres écrits politiques*, edición establecida y presentada por Luce Giard, Seuil, París (1968).

Dosse F. (2003) *Michel de Certeau. El caminante herido*, trad. de Claudia Mascarua, Universidad Iberoamericana, México.

Giard L.:

- Michel de Certeau. *Cahiers pour un temps*, Centre Georges Pompidou, París, 1987.
- “Le travail de voyager au pays des vivants et de morts”, *Esprit*, febrero 1976, pp. 375-380.
- “Cherchant Dieu”, en Certeau, M. de. *La faiblesse de croire*, Seuil, París, 1987, pp. 7-24.
- “Biobibliographie”, en Michel de Certeau. *Cahiers pour un temps*, Centre Georges Pompidou, París, 1987, pp. 245-253.
- “Bibliographie complète de Michel de Certeau”, *Recherches de Science Religieuse*, 76/3, 1988, pp. 405-457.
- “Histoire d'une recherche”, en Certeau, M. de. *L'invention du quotidien*.1. Arts de faire, Gallimard, Folio Essais, París, 1990, pp. I-XXX.
- Con Martin H. y Revel J. *Histoire, mystique et politique*. Michel de Certeau, Jérôme Millon, Grenoble, 1991.
- “Mystique et politique, ou l'institution comme objet second”, en Giard L., Martin H. y Revel J. *Histoire, mystique et politique*. Michel de Certeau, Jérôme Millon, Grenoble, 1991, pp. 9-45.
- “Par quoi demain déjà se donne à naître”, en Certeau, M. de: *La prise de parole et autres écrits politiques*, edición establecida y presentada por Luce Giard, Seuil, París, 1994 (1968), pp. 7-26.
- “Des moments et des lieux”, en Certeau M. de; Giard L. y Mayol P. *L'invention du quotidien*. 2. Habiter, cuisiner, Gallimard, nueva edición revisada y aumentada, presentada por Luce Giard, París, 1994 (1980), pp. I-XV.
- “Un chemin non tracé”, en Certeau M. de. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*, Gallimard, París, 2002 (1987), pp. 11-50.
- “Comme première manière d'entrer dans l'ouvre”, en Certeau M. de. *L'étranger ou l'union dans la différence*, nueva edición introducida y establecida por Luce Giard, Seuil, París, 2005 (1969), pp. I-XIII.

• “Un style particulier d'historien”, en Certeau M. de. *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, edición establecida por Luce Giard, Seuil/Gallimard, París, 2005, pp. 7-18.

• “Introducir a una lectura de Michel de Certeau”, en Rico de Sotelo C. (Coord.) *Relecturas de Michel de Certeau*, Universidad Iberoamericana, México, 2006, pp. 15-33.

González-Sanz J.D. & Barquero-González A. (2015) *Productores y depredadores: el lugar social de la enfermería*. *Paraninfo Digital* 22. <http://www.index-f.com/para/n22/034.php>